

A etnicidade e comunidades estéticas: fronteiras culturais no espaço da colonização do sul do Brasil

Ernelo Schallenberger¹

RESUMO: A presente construção textual se propõe buscar em arquivos, que acolhem documentação acerca da construção social dos teuto-brasileiros no sul do Brasil e em periódicos por eles produzidos uma leitura focada no processo constitutivo das comunidades étnicas, tendo como referência de abordagens os operadores simbólicos, as propriedades da formação sociocultural e da interação social, bem como os efeitos da demonstração da cultura. O tema remete aos conceitos da etnicidade e da identidade enquanto referências centrais para a definição das comunidades estéticas.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, etnicidade, identidade, comunidade, estética

ABSTRACT: This paper is based on exploit files that contains documentation about the social construction of the Teutonic-Brazilians in southern Brazil and in journals that they produce with a focused reading in the process of incorporation of ethnic communities, with reference to approach symbolic operators, properties of the socio-cultural and social interaction and demonstration of the effects of culture. The theme refers to the concepts of ethnicity and identity as key references for the definition of aesthetic communities.

KEYWORDS: Culture, ethnicity, identity, aesthetic community.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto pretende motivar uma discussão acerca da etnicidade e das fronteiras culturais a partir do complexo fenômeno (i)migratório desencadeado no sul do Brasil no período da constituição das territorialidades no espaço da colonização (1824- 1940). O referido fenômeno está revestido de múltiplos sentidos e a sua melhor compreensão requer, por esta razão, um tratamento interdisciplinar sensível a novos enfoques que contemplem os indivíduos nas suas representações, símbolos, sensibilidades, paixões e vivências e que, no processo de subjetivação, constroem unidade de sentido a partir das suas matrizes socioculturais. Não se pretende uma abordagem da etnicidade e das fronteiras culturais dos imigrantes alemães e de seus descendentes a partir de um reducionismo, mas, como sugere Chartier (1990), uma discussão que privilegie a pluralidade, numa relação da individualidade apreendida a partir da alteridade, onde a produção social e cultural adquire expressões simbólicas e formas e estilos materializados que produzem sinais de distinção em relação a outros grupos. Os processos de distinção ou da construção da identidade pela diferença encontram nas estruturas concretas da vivência e nas sensibilidades e sociabilidades das comunidades elementos que caracterizam a relação de tensão e conflito simbólico (ELIAS; SCOTSON, 2000). A distinção se estabelece, assim, pela divisão entre o “nós” e o “eles”, em decorrência da intensificação da comunicação entre os de dentro do grupo com o mundo exterior, do que resulta a percepção do ser diferente. Por ser esta diferença singular, a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar, segundo Bauman (2003, p. 17 -20).

Pelo fato de estarem cercados de adversidades sócio-ambientais e inseridos num contexto multicultural e de exclusão política, entre os imigrantes (alemães) e seus descendentes a etnicidade enquanto expressão de fronteira cultural aflorou de forma intensa, do que resultaram iniciativas horizontais e verticais de organização societária e cultural com a finalidade da promoção da coesão social dos membros dos grupos. É possível afirmar, desta forma, que entre os alemães e seus descendentes a identidade e as fronteiras culturais estão fundamentadas em práticas culturais, unidade de estilo de vida e de linguagem, representações simbólicas, hábitos e costumes que foram se tornando sinais de distinção em relação a outros grupos étnicos. A etnicidade concebida por eles e referida pelos outros assumia sentidos derivados das relações de poder, sobretudo quando a exterioridade apreendida era expressão do segmento hegemônico da sociedade agropastoril, detentora do poder na esfera política e econômica, ou relativa a grupos com estilos de vida diferenciados em seus fundamentos éticos e estéticos, a exemplo dos caboclos e dos índios. Num contexto sociocultural plural, as

apreensões, os sentimentos, as paixões e as motivações conferem aos indivíduos um caráter mobilizador, que tanto pode se materializar em expressões estéticas no processo da individuação e da construção de unidade de sentido do grupo, quanto em ações cívicas quando visam o fortalecimento do grupo.

O texto em questão desenvolve, a partir do entendimento da subjetividade das ciências, uma abordagem que privilegia alguns referenciais julgados como básicos para a discussão da etnicidade, da identidade e das fronteiras culturais. Assim, a reflexão fundamenta-se nas concepções teóricas que consideram a construção do conhecimento, bem como a representação coletiva dominante, cercada de um sistema de símbolos de uma cultura dada na qual o sujeito está inserido. Daí porque os referentes metodológicos utilizados buscam contemplar os referenciais simbólicos da formação das comunidades estéticas através da exploração das fontes históricas, observando nelas os elementos constitutivos da etnicidade, tanto na perspectiva da manifestação da cultura quanto na da distinção social. Os referenciais simbólicos representam, para uma cultura dada, o entendimento partilhado que cria a comunidade, ou o círculo aconchegante, na expressão de Bauman (2003, p. 15 e 16). Assim, para este autor, na comunidade, o tipo de entendimento sobre o qual seus membros se baseiam é o ponto de partida e não de chegada.

A organização comunitária resultante da imigração e colonização no sul do Brasil parece ter resultado mais da escolha dos diferentes grupos de imigrantes e de seus descendentes diante de uma lógica social externa não condizente com os seus anseios e de uma ordem política e econômica incerta e não satisfatória. A escolha representa de certa forma uma apropriação ou uma criação, como resposta ao vazio e à negação. Esta idéia encontra referência em Jeffrey Weeks, citado por Bauman (2003, p. 91), quando assegura que:

O mais forte sentido de comunidade costuma vir dos grupos que percebem as premissas de sua existência coletiva ameaçadas e, por isso, constroem uma comunidade de identidade que lhes dá uma sensação de resistência e poder. Incapazes de controlar as relações sociais em que se acham envolvidas, as pessoas encolhem o mundo para adaptá-lo ao tamanho de suas comunidades e agem politicamente a partir desta base.

Nos processos de demonstração da cultura, os símbolos e as formas de expressão estética dão visibilidade ao idêntico que une e que divide e referenciam ações motivadas pelo interesse cívico.

2. IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL

2.1. Discussão preliminar sobre o processo (i)migratório

O fenômeno migratório enquanto problema de investigação tem atraído um crescente número de pesquisadores que se ocupam de temas e problemas múltiplos, com enfoques diferenciados, ora centrados na mais pura empiria, ora orientados pelo imaginário, sugerindo uma leitura crítica a partir do diálogo entre pluralidade e subjetividade. A crescente tendência de valorizar abordagens que buscam cruzar a história com a antropologia, a sociologia e a psicanálise em seus quadros interpretativos sugere uma criteriosa releitura do processo (i)migratório. Idéias, representações e imagens, recolhidas de arquivos para serem ordenadas em textos que procuram passar a idéia de conjuntos significativos, contribuem para a análise da dinâmica sociocultural e das especificidades do lugar do imigrante no conjunto da sociedade plural, com a possibilidade de desvelar os elementos constitutivos de uma possível identidade.

Sem a pretensão de recorrer às idéias reguladoras e arquétipas de Santo Agostinho, que servem de juízo para o que é certo ou não e de modelo para o que se faz, a presente construção textual propõe buscar em arquivos, que acolhem documentação acerca da construção social dos teuto-brasileiros no sul do Brasil, e em periódicos por eles produzidos uma leitura focada no processo constitutivo das comunidades étnicas, tendo como referência de abordagem os operadores simbólicos, as propriedades da formação sociocultural e da interação social, bem como os efeitos da demonstração da cultura. O tema remete aos conceitos da etnicidade e da identidade. A representação e interação social dos imigrantes alemães e de seus descendentes sugerem a investigação de variáveis como a dimensão estética nos efeitos de demonstração da cultura e as modalidades associativas como forma de garantia e avanço social.

Com Roberto Cardoso de Oliveira (2006, p. 25) pode-se concordar que a questão étnica tem íntima relação com o contexto sobre o qual os povos e os indivíduos que o constituem se movimentam. A etnicidade está fundada, neste caso, sobre a formação sociocultural e a interação social, onde a emergência e a persistência dos grupos étnicos estão relacionadas ao contato cultural e a mobilização das pessoas. Para Fredrik Barth (1998), é nesta interação que os indivíduos passam a consignar e auto-atribuir os referenciais da identidade étnica, o que os situa frente a outras categorias e fronteiras étnicas. Símbolos, marcas, representações estéticas, formas de expressão e condutas são referentes cognitivos que aproximam os indivíduos em torno de uma unidade de estilo e que, para Giddens (2002, p. 54), são, ao mesmo tempo, reflexo dos laços sociais e expressão da autoconsciência. Daí porque podemos recorrer a Axel Honneth (2003) para

reforçar a idéia de que a identidade étnica se revela na medida em que os sujeitos se percebem inseridos e integrados em elos socioculturais e passam a buscar ações afirmativas de reconhecimento do seu valor social. Este reconhecimento é possível, segundo Nietzsche (1992), quando o espírito – *Geist* –, ou seja, o sentido construído, revelar uma unidade de estilo em todas as manifestações da vida de um grupo ou povo. Em face dessa afirmativa, aflora um problema de pesquisa: é possível constatar esta unidade de estilo nos diferentes grupos de imigrantes alemães que se dirigiram ao sul do Brasil?

2. 2. O tema da imigração alemã

O exame da literatura e a exploração das fontes correspondentes indicam que a imigração alemã para o sul do Brasil não pode ser referida como um fenômeno único. Os sujeitos da imigração não ocorreram ao espaço de colonização ao mesmo tempo e eram oriundos de lugares e contextos diferentes, ainda mais quando sua origem for relacionada a uma Alemanha não unificada. Eram portadores de diferentes experiências vividas e possuíam habilidades diferenciadas em relação às formas do exercício da sociabilidade e do trabalho. Publius Cornélio Tácito (2006), em sua obra *Germânia*, escrita no tempo do Imperador Trajano, reconhece as diferentes formas de expressão cultural dos povos germânicos, mas os aproxima de elementos comuns, sobretudo no que diz respeito à sua organização sócio-espacial de aldeias isoladas e dispersas, o que estimulava a vivência comunitária e as assembleias, sua dedicação à agricultura, sua índole guerreira, seu senso de ordem e hierarquia, seus hábitos alimentares, banquetes e manjares. Friedrik Fabri (1883), em seu texto, escrito em 1879, destaca os elos possíveis entre a mãe-pátria e as colônias em virtude do espírito e das práticas culturais dos alemães.

Mesmo assim, é importante considerar que, ainda que o ser humano esteja sempre unido à representação coletiva dominante do seu tempo e lugar (JUNG, 2007, p. 53 –55), os contextos específicos, as motivações pessoais e os fatores impessoais, de caráter mobilizador, interferem sobre as representações e as ações dos sujeitos sociais. A primeira leva de imigrantes que se instalou na Colônia de São Leopoldo era formada por 126 indivíduos, dos quais 17 eram solteiros e os demais integravam 26 unidades familiares (PORTO, 1935, p. 50-53). Sem definição precisa do modelo de assentamento e da inserção produtiva dos imigrantes no espaço da colonização, a par dos conflitos, das intrigas e das reivindicações, estes indivíduos tiveram que exercitar as suas habilidades profissionais, do que resultou em um curto tempo (até 1829) a organização de um espaço urbano marcado por significativa presença das atividades industriais, comerciais e de prestação de serviços. Porto (1935) destaca que as casas de negócio e as primeiras indústrias surgiram como forma de suprir as necessidades dos colonos. Curtumes, moínhos

de trigo, engenhos de lapidação de pedra, oficinas de tecelagem e de beneficiamento da crina, marcenarias, ferrarias, alfaiatarias e indústrias químicas, dentre outras, expressam o perfil profissional do imigrante e a seu papel no processo da urbanização do sul do Brasil.

O exame da relação das listas nominais publicadas por Aurélio Porto (1935, p. 62-71) permite identificar que na leva de imigrantes, que saiu de Amsterdã em 25 de agosto de 1825 e chegou ao Rio Grande do Sul no início de dezembro do mesmo ano, havia 70 famílias, com uma média de 5,1 membros por família. Em base aos registros que dão conta das profissões a partir da ocupação do chefe da família, 53% não eram lavradores. Carpinteiros, marceneiros, ferreiros, padeiros, moleiros, tecelões, alfaiates, torneiros, entre outras profissões, demonstram que as habilidades e as competências dos imigrantes iam além da capacidade de amanho da terra e da custódia da criação.

As expedições que chegaram a São Leopoldo em fevereiro e agosto de 1826 trouxeram 40 famílias, com 226 indivíduos, das quais somente 32% tinham atividades vinculadas à agricultura. Exceção foi a expedição vinda em 3 de junho, que era integrada por 15 famílias, todas provenientes da região de Hesse, das quais 11 eram lavradores. Em 1827, aportaram 107 indivíduos, agrupados em 19 famílias, das quais 50% se dedicavam às atividades agrícolas.

Os imigrantes que se dirigiam, posteriormente, para as picadas abertas para além da margem noroeste do rio dos Sinos e da encosta da Serra dedicavam-se preferencialmente às atividades agrícolas. Centrados na produção das condições básicas de infra-estrutura e de sobrevivência, os pacatos ambientes de sociabilidade não possibilitaram que as questões da etnicidade se sobrepussem às relações de vizinhança, de reciprocidade e de camaradagem. Em parceria com os caboclos derrubaram florestas, assimilaram os hábitos da terra, “tomavam cachaça” e aprenderam os rudimentos da língua portuguesa.

Oriundos de diferentes regiões de uma Alemanha não unificada, protestantes e católicos colaboravam na edificação de suas igrejas e escolas e partilhavam entre si momentos de fé e vivência religiosa. Pelas informações de Prien (1989) havia, em 1842, em toda a Colônia de São Leopoldo apenas 7 igrejas evangélicas, que serviam também de escolas. Entre os católicos, numericamente inferiores, a realidade não era diferente até a segunda metade da década de 1850, quando os jesuítas desencadearam uma sistemática ação de organização de paróquias e capelas.

Nas *Memórias Autobiográficas* de Theodor Amstad (1940) fica evidenciada a preocupação com os desvios relativos à conduta e às práticas culturais decorrentes da relação interétnica, observados durante o seu apostolado no vale do Caí e nas picadas da Serra. Segundo o jesuíta, estes desvios culturais e morais exigiam um processo de reconstrução da identidade. As constatações e as recomendações do

jesuíta não refletem uma posição isolada. Pastores evangélicos alimentavam preocupações similares em relação aos desvios étnicos e à assimilação de práticas culturais e de referenciais éticos não condizentes com a tradição cultural dos imigrantes (DIETSCHI, 1886, p. 37). A marcante função mediadora exercida pela Igreja da Imigração, tanto evangélico-luterana quanto católica, na organização das comunidades locais a coloca no papel de educadora. Os mediadores sociais recorriam aos conceitos-chave de *Bildung*, *Schulbildung* e *Schulbeispiel*, que traduzidos e convertidos em princípios pedagógicos e de ação pastoral expressam os sentidos de formação ou conformação dos impulsos humanos criadores, de instrução sustentada em sólida informação e do exemplo, derivado do correto agir. As ações pastoral e pedagógica encontravam suporte filosófico na cristogênese e no etnodesenvolvimento, o que contribuiu para o estabelecimento da distinção e da definição das fronteiras culturais em relação aos grupos não identificados com as comunidades étnico-cristãs.

Há um forte componente religioso na concepção étnica alemã, ligado à tradição das comunidades cristãs do catolicismo e do protestantismo luterano. Este componente está presente de forma intensa, embora não única, na produção de sentido e na construção dos referentes de identificação dos sujeitos da imigração alemã e dos espaços socioculturais por eles produzidos. O ideal comunitário católico, nutrido por um romantismo marcado pela revolta contra o Estado e pela resistência à sociedade criada pelo capitalismo, buscava na idealização do passado a construção de comunidades autônomas, para garantir a legitimação do seu campo eclesial. Opunha-se ao que Max Weber chama de racionalidade instrumental da sociedade moderna e desenvolvia a sensibilidade nutrida pelo romantismo alemão que concebia a alma como núcleo do ser humano. A visão romântica é caracterizada, segundo Löwy e Sayre (1995, p. 40), pela convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de certos valores humanos essenciais que foram alienados. Assim, o homem vive no aqui e agora longe do seu verdadeiro lar, da sua verdadeira pátria. A nostalgia que incide sobre o passado foi fator importante para a reconstrução da identidade dos alemães católicos e das suas comunidades. Embora não nesta perspectiva, como a concepção de igreja entre os evangélico-luteranos significa a fé encarnada num povo, a organização das comunidades étnicas expressava, também, a possibilidade de identificação e da construção eclesial.

No caso do Rio Grande do Sul, as comunidades locais estiveram, inicialmente, voltadas sobre si mesmas e foram, progressivamente, desenvolvendo atividades industriais e comerciais, que da função de abastecimento passaram a de escoamento da produção, integrando-se aos núcleos urbanos de São Leopoldo e Porto Alegre. O médico João Daniel Hillebrand, que organizou, a pedido do governo provincial, a Companhia de Voluntários Alemães para a Guerra da Cisplatina, em 1827, e foi nomeado inspetor da Colônia de São Leopoldo, em 1836, e diretor nos

períodos de 1845-1846 e 1848-53, testemunhou em seu relatório ao Presidente da Província (1854), que a maioria dos habitantes da vila de São Leopoldo era formada por mecânicos, operários e artesãos, destacando a importância da indústria, notadamente da fabril. Atribui importância fundamental aos comerciantes que possibilitavam o intercâmbio e a venda de produtos entre as colônias, fator vital para a prosperidade das povoações. Estas relações e os desafios que delas resultaram certamente concorreram para a identificação de práticas culturais e o reconhecimento das atividades dos sujeitos sociais que interagiam nas colônias.

A afirmação da etnicidade e a construção da identidade étnica para os imigrantes alemães do sul do Brasil podem ser associadas a um conjunto de fatores, entendidos a partir da complexidade dos contextos que os originaram. Postos diante de desafios como os da Companhia de Voluntários Alemães, na Guerra Cisplatina, da Companhia dos Caçadores Voluntários Alemães e os lanceiros na Revolução Farroupilha, da legião dos *Brummers* nas guerras contra Rosas (SCHMID, 1948), parece muito provável que os embates e os contatos com outros povos e outras culturas tenham sinalizado para o horizonte das fronteiras culturais e evidenciado a ambigüidade da nacionalidade. Valorosos em sua sensibilidade, estes alemães se envolveram em questões relativas à construção territorial e à defesa de interesses de uma nação em constituição. A eles se somaram utopistas e revolucionários, emigrados de uma Europa tomada pelas revoluções liberais e regada de novas ideologias, sustentadas em estatutos sociais, com modelos de sociedade que iam do conservadorismo romântico do social-catolicismo à revolução socialista proposta por Marx e Engels (SCHALLENBERGER, 2009). Era um tempo de afirmação da racionalidade instrumental da revolução industrial, com um acelerado processo de urbanização, de formação de mercados e de estratificação e mudança nas relações de produção, e da afirmação das nacionalidades, sobretudo na Europa a partir dos processos de unificação da Alemanha e da Itália. Um tempo de avanço das ciências, com destaque à publicação da teoria da evolução de Charles Darwin, em 1858, que suscitou apaixonadas reações e estimulou a imaginação das pessoas acerca da origem do homem e do mundo. A idéia da origem animal do ser humano trouxe um desconforto enorme para a teoria do homem enquanto criatura de um Ser sobrenatural, ainda que o alcance da base biológica do comportamento humano estivesse longe de qualquer questionamento.

A partir de 1848, aos grupos de emigrantes que deixaram as suas terras por razões econômicas associaram-se aqueles que foram exilados ou escolheram deliberadamente a emigração por razões políticas (MAGALHÃES, 1998, p. 26). A retomada da imigração, depois da Revolução Farroupilha, encontrou também no Brasil um novo ambiente. Com a Lei de Terras, de 1850, inaugurou-se uma nova fase na política de colonização. O governo imperial tomou uma série de iniciativas para incrementar a imigração de indivíduos ligados às atividades agrícolas, com o

objetivo maior de ampliar a produção interna e dinamizar o mercado. Com a criação da Repartição de Terras Públicas, foram estabelecidas condições para a aquisição de terras do Estado por companhias particulares para fins de colonização (COARACY, 1957, p. 15). A terra passou a ser considerada um bem de valor. As próprias províncias começaram a interferir no processo de ocupação dos seus territórios. No Rio Grande do Sul, a iniciativa de companhias privadas de colonização dinamizou a ocupação do espaço, loteando e comercializando áreas como as terras da Colônia Mundo Novo, fundada em 1850, de Estrela, em 1856, de Soledade, em 1857, e São Lourenço, em 1858.

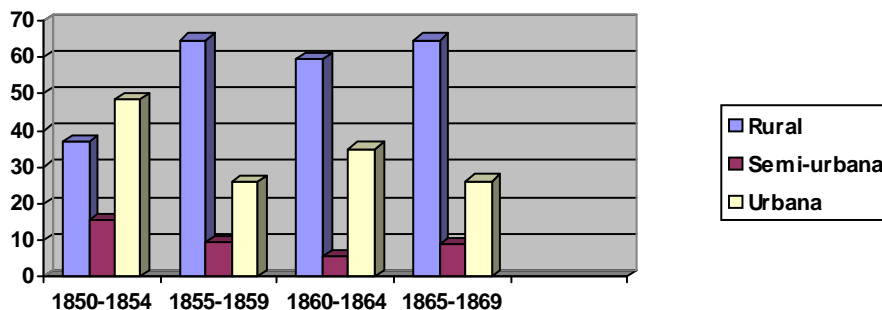
Santa Catarina comportou, a partir de 1850, uma política de colonização desencadeada pela iniciativa particular, principalmente de Hermann Bruno Otto Blumenau. Como representante da *Sociedade de Proteção aos Emigrantes Alemães*, Blumenau, ao fundar a sua colônia em 1850, não descurou da política governamental de priorizar a imigração de pessoas vinculadas às atividades agrícolas e estimulou a vinda de profissionais e de artesãos que concorreram substancialmente para a industrialização e a urbanização futura do Vale do Itajaí. Recomendava em seu “Guia de Instruções aos imigrantes para a Província de Santa Catarina Sul do Brasil” (Apud FERREIRA; PETRY, 1999) que os profissionais e artífices dos diferentes vilarejos tivessem uma área de terra para dar conta da pastagem para as vacas e para o plantio de verduras, batatas, árvores frutíferas e algodão. A preocupação esteve centrada nas garantias mínimas para que o exercício da profissão pudesse se efetivar. Apesar das dificuldades iniciais de administração, a colonização conduzida por Blumenau esteve fundada em conceitos e num imaginário social marcados por relações capitalistas de produção, com previsão de estratificação social e de funções, inclusive na agricultura.

Em 1848 fundava-se na Alemanha a *Hamburger Kolonisationsverein*, que instalou, em 1851, a Colônia Dona Francisca em Santa Catarina. Se Blumenau recorria ao governo em virtude das dificuldades de colonização, Dona Francisca se viu forçada a transferir a ele a responsabilidade da colonização (COARACY, 1957, p. 19 e 20), até que encontrasse um modelo próprio de gestão dos assuntos da Colônia. Os dados recolhidos do Arquivo Histórico de Jönville por Marionilde Brepohl de Magalhães revelam que de um total de 569 chefes de família que imigraram de 1850 a 1854 para a Colônia, 48,45% eram de origem urbana, 14,50% como sendo semi-rural e 37,00% rural (APMM). Originados de mais de uma dezena e meia de lugares, com predominância expressiva da Suíça e da Prússia, estes imigrantes atestaram variadas competências profissionais, como as de comerciantes, sapateiros, carpinteiros, marceneiros, tecelões, alfaiates, médicos, farmacêuticos, professores, entre outros. Se os expressivos percentuais de 64,60% das 664 unidades de família que se fixaram em D. Francisca, de 1855 a 1859, e de 59,50% das 1.039 unidades que vieram de 1860 a 1864 se declaravam agricultoras,

isto não diminui a importância dos 35% que representaram as diferentes categorias para o desenvolvimento local. Além do que, é importante salientar, muitos se declaravam agricultores para terem facilitado o seu processo de emigração.

Avé-Lallemant (1980, p. 66), em seu relato de viagem pela Província de Santa Catarina, em 1858, assegura que o desenvolvimento da Colônia D. Francisca tinha relação estreita com Curitiba, uma vez que para lá iam muitos jovens para aprender profissões e “*ali ganharam algum dinheiro e, o que é digno de nota, ali adquiriram alguns conhecimentos da língua e condições do país e depois, com dinheiro e experiência, regressaram à Dona Francisca para lá se estabelecerem*”. A preponderância de agricultores confessos (57,59%) sobre as demais profissões se manteve para o período de 1865 a 1869. Se os dados de 1870 a 1874 não revelam grande novidade a respeito das atividades profissionais, os de 1875 a 1877 registram um fato curioso: além das profissões anteriormente referidas, 34,20% dos chefes de família se apresentavam como operários.

Meio de origem dos imigrantes



Fonte: APMM

As informações coletadas por Magalhães revelam que, além da diversidade do meio de origem dos imigrantes, a sua procedência era diversificada. Apesar do predomínio numérico dos prussianos, de outras regiões da Alemanha, entenda-se não unificada, como da Saxônia, Baviera, Pomerânia, Hamburgo, Schleswig-Holstein e Baden, e de outros países, a exemplo da Suíça, Suécia, Noruega, Dinamarca e França, vieram imigrantes para a construção do espaço colonial de Dona Francisca (Joinville).

Esta diversidade sociocultural, em sua quantidade de formas e configurações, povoada de visões de mundo e de interesses nem sempre convergentes, evidenciou, em muitas circunstâncias, contradições e conflitos, que resultaram em dissidências. Em relação a isto podem ser referidos os exemplos de São Leopoldo, onde colonos indesejados foram orientados a migrar para a colônia de São João das Missões, e de D. Francisca, onde os conflitos internos motivaram

a formação do núcleo colonial de São Bento. Nestes casos, os contrastes culturais e os interesses políticos e econômicos não asseguraram a unidade efetiva do grupo e fomentaram a distinção em termos culturais e sociais.

O traço que marcou a identificação do igual no diferente e o diferente em relação a outros grupos socioculturais foi a gênese da comunidade, aonde, segundo a expressão Arendt (1978, p. 218), “*num certo momento do tempo e por alguma razão certo número de pessoas vieram a pensar-se a si próprias como um ‘Nós’*”. Este ‘Nós’, articulado no seio das comunidades e, muitas vezes, pensado fora delas, representou um referente fundamental para o processo de individuação dos membros da comunidade. Para os mediadores sociais da Igreja da Imigração, para os intelectuais e formadores de opinião e para os articuladores dos negócios das colônias, era necessário despertar uma causa comum, com força de mobilização suficiente para elevar a auto-estima dos colonos, mesmo que com isto fossem escamoteados interesses e relações de poder conflituosas. As comunidades eclesiais, para a partilha da fé e da prática religiosa, as comunidades escolares, para a educação da vontade e para a formação humana e cidadã, e, sobretudo, as comunidades de informação, para instruir, inserir os indivíduos em novos mundos e aproximar os seus mundos, apresentaram-se como espaços vitais para despertar a vontade, a autoconsciência e a identidade. Numa recorrência ao pensamento de Santo Agostinho, é possível inferir que os intelectuais e mediadores sociais da imigração e colonização alemã nutriam o entendimento que “*a vontade tem que estar presente para a capacidade ser operativa*” (ARENDRT, 1978, p. 96).

A expansão da colonização e os elos societários que foram produzidos a partir dos conflitos e dos interesses que moviam os sujeitos sociais em torno da organização e do desenvolvimento das colônias contribuíram, sem dúvida, para identificação das comunidades, das práticas culturais dos membros que as integravam e dos espaços de sociabilidade construídos. Contribuíram para tal fim de modo particular os comerciantes, que valorizaram a produção local pela possibilidade de escoamento dos excedentes produzidos e pelo abastecimento das demandas da população. Os comerciantes, com o reforço posterior dos caixeiros-viajantes, estabeleciam uma ponte com outras realidades e uma rede que integrava o comércio local ao dos núcleos urbanos maiores, a exemplo de São Leopoldo e Porto Alegre, que por seu turno tinha vínculos de importação e exportação com a Alemanha. A consolidação dos núcleos coloniais deve ser associada, também, ao desenvolvimento das atividades artesanais e industriais. O Deputado Alberto Brito (1935), destacou, em discurso alusivo ao trabalho alemão, o papel fundamental que o imigrante alemão exerceu não só nas atividades agrícolas, mas, sobretudo, nas industriais e comerciais para introduzir o Rio Grande na moderna economia de mercado.

O aumento da produção agropecuária e a expansão dos negócios

favoreceram a emergência de uma pequena burguesia que passou a perceber a etnicidade como um selo de garantia para a expansão de suas atividades e rendimentos. Em outra oportunidade já demonstrei que a afirmação da etnicidade germânica se operou, também, num contexto de produção e de conquista de um espaço econômico, no qual se estabeleceram relações colaterais de reciprocidade, as quais visavam assegurar certa referência que garantisse inserção social e identidade étnica. A criação da Praça do Comércio de Porto Alegre, em 1858, transformada em Associação Comercial em 1918, marcou de forma indelével a presença germânica na construção do cenário e da produção social urbana (SCHALLENBERGER, 2009, p. 210).

A associação da identidade e das fronteiras étnicas à língua e à origem nacional foi reforçada com as levas de imigrantes que vieram da experiência vivida dos processos da unificação alemã e italiana e da crescente afirmação do nacionalismo na Europa. Aliás, a forte presença de imigrantes estrangeiros no país a partir da década de 1870 começou a evidenciar diferenças culturais e estabelecer parâmetros de identificação étnica. Boris Fausto (2003) informa que do total dos imigrantes que se estabeleceram no Brasil, 72% vieram no período de 1887 a 1914. Segundo o historiador, a maioria teria se fixado nas regiões Centro-Sul e Leste, tanto assim que, em 1920, estas regiões abrigavam 93% dos imigrantes estrangeiros residentes no país. Ainda para efeito de ilustração, pelas informações de Gertz (1987, p. 14), em 1935, dos 1.020.000 alemães no Brasil, mais de 88% residiam no sul do Brasil, ou seja, 600.000 no Rio Grande do Sul, 220.000 em Santa Catarina e 70.000 no Paraná.

Considerada a pluralidade étnico-cultural, os conflitos de interesse e de poder das vertentes confessionais da igreja da imigração (SCHALLENBERGER, 2009), o papel da escola comunitária (RAMBO, 1994; KREUTZ, 1991) e da imprensa alemã (DREHER; RAMBO; TRAMONTINI, 2004) é possível observar os diferentes canais pelos quais foram nutridos os sentimentos de pertença étnica e as forças de mobilização capazes de articular sujeitos sociais em torno de comunidades de idéias e de expressão, de solidariedade e convivência e de interesse. A imprensa tanto católica quanto evangélico-luterana tornava afirmativa a idéia de que *“a organização das comunidades é talento nato dos alemães e nela reside a possibilidade de afirmação política e social dos alemães”*, (DV, 23/05/1923; Sontagsblatt, nº 4, 1892). Mediadores sociais, como o jesuíta Johannes Rïck, manifestavam o entendimento de que *“a autonomia que os grupos étnicos buscam visa assegurar direitos e valores não legitimados pelo Estado: educação, notadamente a religiosa, saúde,...”* (DV, 23/04/1923). O sentimento de unidade passou a transcender os espaços vividos e a ser referenciado como uma totalidade identificada a partir dos símbolos, das representações e das práticas que definiam uma nação enquanto cultura particular, partilhada por um povo.

A análise da construção da identidade étnica dos teuto-brasileiros no sul do Brasil, observada num contexto sociocultural plural, deve considerar as variáveis do embate bi-cultural e da ambigüidade entre as fronteiras étnicas e nacionais. Esta referência permite entender o porque de afirmativas como as proferidas por Rick - de que o Brasil é um país que acolhe todos os povos sem distinção, onde todos têm direitos iguais, podem progredir e que a hegemonia luso-brasileira é uma questão de tempo (DV, 25/10/1923) -, passassem a atrair uma atmosfera de desconfiança. O caráter afirmativo da etnicidade alemã, enquanto força que agrupa e unifica, passou a ser visto, a partir da variável política, como um perigo (GERTZ, 1991). A partir das vinculações com a Liga Pangermânica (década de 1890) e com a Sociedade de Ensino no Exterior, a construção da etnicidade dos teuto-brasileiros manifestou-se, segundo Magalhães (1998), como sendo um movimento profundamente comprometido não só com o romantismo alemão, mas também com o pragmatismo inerente aos projetos imperialistas de expansão de mercados e territórios.

Em suma, a identidade étnica dos imigrantes alemães e de seus descendentes no sul do Brasil resultou da articulação dos seus membros para a construção dos espaços comunitários e das suas formas de interação social. Na seqüência, pretende-se de evidenciar algumas formas de demonstração da cultura e de defesa dos interesses das comunidades étnicas.

3. ETNICIDADE E COMUNIDADES ESTÉTICAS

3.1 Introdução: sentimentos e juízos reflexivos e comunhão estética

As comunidades estéticas surgem como referência de um ambiente favorável ao desenvolvimento de experiências culturais e de inserção social e nascem dos meios de expressão simbólica que aproximam os indivíduos em torno da comunhão de valores e vivências comuns. Estimulam os elementos pulsionais relacionadas com a vida, permitindo ao sujeito a comunicação e a expressão dos seus sentimentos e dos seus ideais, ajudando-a a lidar com seus mundos externo e interno.

A configuração de comunidades estéticas ocorre, de forma mais sensível, em ambientes socioculturais plurais onde as diferenças permitem aos indivíduos de um grupo identificar o comum e o idêntico partilhados. Nestes ambientes, a necessidade gerada pela ocupação com a identidade faz com que o entretenimento se torna o campo preferencial para a sua constituição (BAUMAN, 2003, p. 63).

A existência de uma comunidade estética está associada à comunicabilidade dos sujeitos sociais que compartilham sentimentos e juízos reflexivos em torno de valores estéticos comuns e que, na perspectiva de uma universalidade subjetiva,

buscam expressar empiricamente sua comunhão estética. A comunicabilidade e, por conseguinte, a comunidade existe porquanto persistir um acordo em torno dos juízos estéticos que asseguram um espaço social estético que permita um sentido comum fundado em sentimentos e não em conceitos (HUGHES, 1999, p. 146-148). Juízo de gosto, sentimento de prazer e o belo não podem ser inscritos em regras pré-definidas. Para Kant (1993), o juízo estético está ligado à representação imaginativa do sujeito e ao seu sentimento de prazer ou desprazer. Por esta razão, não é possível estatuir comunidades estéticas. Elas decorrem de um espaço mental, transformado em espaço social a partir da constituição de agremiações, clubes e associações, onde se torna possível compartilhar sentimentos, valores e juízos. As comunidades estéticas estão ligadas a estruturas mentais coletivas, que derivam de uma visão de mundo - *Weltanschauung*.

Entre os imigrantes alemães e seus descendentes, a sensibilidade estética dos indivíduos, aguçada pela nostalgia, pela dor, pela alegria e pela satisfação da partilha, os conduzia a sublimação diante da perda, da lembrança distante ou das experiências vividas, e os movia na direção da constituição de uma rede comunitária para assegurar a conservação da cultura herdada do passado. A sublimação não é, neste caso, entendida no sentido que Nietzsche lhe dá de máscara dos instintos humanos, ou de repressão dos impulsos impostos pela religião e pela moral, mas como sentimento movido pelo mais alto valor estético. A organização de comunidades estéticas resultou muito mais da escolha do grupo étnico do que de sua exclusão social. Significou, acima e tudo, a busca e a salvaguarda do patrimônio imaterial, fazendo com que a recorrência à cultura étnica, enquanto expressão de uma formação social ou de um povo, e à memória se tornasse o caminho para a construção da identidade. Nos espaços de convivência e sociabilidade, construídos para a manifestação da cultura, foram forjados elementos caracterizadores de uma identidade coletiva, em regra expressos por símbolos identificadores da nacionalidade, como: bandeiras, hinos, estampas e imagens, entre outros.

Nas comunidades de lugar (rurais) as contingências sócio-ambientais não favoreceram uma sociabilidade intensa fora dos círculos da família e da vizinhança. Os estímulos para a vivência comunitária restringiam-se, sobretudo, aos espaços criados para a comunhão da fé e, em grau restrito, à faixa etária escolar, onde *“as escolas não tinham somente fundamento no saber, mas também na consciência; não somente na instrução da inteligência, mas também a educação do caráter”*, segundo o professor Sgfried Kniest, de Santa Cruz (DV, nº 95, 5/5/1926). Toda a capacidade de criação ligada aos impulsos humanos, como quer Nietzsche (1992), encontrou nos espaços escolares e das comunidades religiosas restrições. Basta recolher, para tanto, os escritos de época, reproduzidos nos periódicos católicos e evangélico-luteranos.² No entanto e apesar disso, o fomento religioso e lingüístico foi importante e, colateralmente, contribuiu para a formação das comunidades

estéticas. Corais, companhias de teatro, sociedades recreativas, festas comunitárias, procissões, entre outras manifestações, expressaram, dentro dos limites e das possibilidades a manifestação estética no seio das comunidades de lugar.

3.2 A demonstração da cultura: experiências de comunidades estéticas

Nos ambientes urbanos a influência do lugar, enquanto espaço apropriado e de identificação do grupo étnico, e a religiosidade, como norteadora da conduta social, não eram os fatores únicos da identificação da comunidade. A faculdade da constituição de grupos identificados na cultura étnica obedeceu aí mais aos impulsos criativos dos indivíduos, notadamente dos membros da elite econômica emergente. Movidos por sensibilidades que transcendem o cotidiano e que os unem, pela memória e pela história, ao esforço de associação da cultura à nação, estes teuto-brasileiros entenderam certamente que a demonstração da cultura era condição para a sua individuação e para a sua identificação como grupo numa sociedade multiétnica. Organizaram, para tanto associações, que eram espaços privados para a recriação cultural e para o exercício da sociabilidade. Surgiu, desta forma, a partir da década de 1850, um número significativo de comunidades estéticas, como a Sociedade Germânia de Porto Alegre, fundada em 1855, que reunia a elite intelectual e a burguesia urbana em formação, a Sociedade de Canto Coral 'Helvetia', de Dona Francisca, fundada em 1556, a Sociedade Orpheu, de São Leopoldo, fundada em 1858, a Sociedade Leopoldina de Porto Alegre, fundada em 1863, entre outras. Assim, os espaços de lazer, de comunhão de ideais e de práticas culturais, foram sendo produzidos e os bailes, apresentações de corais, conjuntos musicais e teatros se tornaram espaços de demonstração da cultura e partilha da etnicidade. A Sociedade Germânia de Curitiba, fundada em 1869, atendia a estas características até que, em 1880, partiu para as funções beneficentes (MAGALHÃES, 1998, p. 34).

Em núcleos coloniais com acelerado processo de urbanização, como São Leopoldo e D. Francisca (Joinville), as comunidades estéticas tiveram maior viabilização em função das condições de contribuição dos seus associados. A Sociedade Ginástica de Joinville, fundada em 16 de novembro de 1858, é a mais antiga do gênero da América do Sul. A fundação dessa comunidade estética revela a sintonia da elite daquela colônia com a filosofia da educação alemã, defendida por Friedrich Ludwig Jahn, que entendia que o conjunto de exercícios em aparelhos, jogos e competições promovem o equilíbrio e a saúde do corpo e do espírito. Um excerto do *Deutsche Zeitung* (11/03/1865) dá conta de que a Sociedade “*possui uma área para exercícios, como os aparelhos mais necessários, compreendendo: três barras, três paralelas, um trampolim, um cavalete para trapézio, uma trave horizontal, um cabo e um mastro para trepar.*”

As sociedades ginásticas – *Turnenbund* – se ocupavam de corridas, saltos, equitação, lutas, natação, esgrima, lançamentos de dardos, além do zelo pela preservação da cultura alemã, através do canto, do teatro, de grupos instrumentais, entre outras atividades culturais (TESCHE, 1996, p. 68). Para Tesche (2002), as sociedades ginásticas eram “lugares de recordação que mantinham coesa a idéia de ‘comunidade imaginada’” e possibilitaram exercícios para estimular o lado corporal e jogos para desenvolver a dimensão social. Aliás, a idéia de que o vigor físico e a disciplina são condicionantes importantes para a caracterização do perfil do protótipo de homem idealizado nos referentes culturais da identidade alemã estão, cada vez mais, presentes entre os idealizadores das comunidades étnicas.

Fundada em 1867, a Sociedade Ginástica Porto Alegre (Sogipa), passou a ser considerada como um verdadeiro espaço de cultivo e de recriação da cultura alemã. Transformou-se num centro de referência das mais diferentes modalidades esportivas. Na obra alusiva aos 100 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul, o P. Amstad (1924) dá destaque especial a esta associação e afirma que as atividades aí desenvolvidas representavam um hino de louvor ao idealismo, convertido em expressões de persistência, destreza, disciplina, convivência sadia e manifestação da cultura. Sociedades similares, além da pioneira de D. Francisca, foram constituídas em núcleos urbanos em franco desenvolvimento como a Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo, fundada em 1894, as de Taquara, Lajeado, Santa Cruz, Ijuí e Santa Maria.

A criação de comunidades estéticas como a Sociedade Leopoldina, fundada em 1863, visava cultivar a sensibilidades através do fomento à camaradagem, com o intuito de comungar ideais, conservar e recriar a cultura e promover a aproximação dos alemães e de seus descendentes através do entretenimento. Comunidades estéticas como a Sociedade Concórdia de Porto Alegre, fundada em 1874, estimularam a etnicidade através de encontros recreativos, centrados em torno de bailes, festas e reuniões dançantes. Estas formas de sociabilidade e de lazer se popularizaram e tornaram-se práticas correntes nos salões ou clubes construídos nas comunidades escolares ou religiosas e, por vezes, nos armazéns. Há nisto um caráter de distinção social muito claro: nos salões e clubes comunitários o acesso era irrestrito e, portanto, acolhia aqueles que não tinham acesso aos espaços privados organizados pelas elites (pequena burguesia ligada ao comércio e à indústria, profissionais liberais, intelectuais,...). Os mediadores sociais, e alguns setores da elite colonial, mantinham restrições a estes espaços de sociabilidade e lazer, uma vez que não conseguiam exercer o controle sobre eles. Alegavam que os excessos praticados nos divertimentos conduziriam ao vício, ao mau exemplo para a juventude, à substituição dos valores que fundamentavam a vida cristã e ao empobrecimento. “*Tanto afundam os nossos conterrâneos devido ao abandono por parte da Igreja*”, afirmam os registros do *Der Deutsche Ansiedler*, em seu n. 22, de

abril de 1884 (p.30).

As sociedades de Tiro ao Alvo evocaram a preservação de valores artísticos em torno da disciplina, da destreza no manejo das armas e da dimensão lúdica inerente às competições. Os aspectos relativos à defesa, decorrentes dos constantes conflitos vivenciados nos espaços da emigração e da imigração, animaram, certamente, esta demonstração cultural. A rememoração de ídolos e batalhas não raramente animou as atividades destas sociedades. No seu interior criou-se um ambiente favorável para a constituição de comunidades cívicas - *Selbstschutzvereine* - voltadas para a autodefesa dos núcleos de colonização do interior diante da desordem, dos saques e dos conflitos gerados pelos seguidores das revoluções de 1893, 1923 e da Coluna Prestes. As sociedades de atiradores tiveram, portanto, uma relação de importância com as sociedades de autodefesa que se multiplicaram no período de hostilidade aos teuto-brasileiros (*Die Serra-Post*, 11 jan. 1924). Passaram a assumir, de certa forma, um caráter cívico. Pelo diagnóstico de Arthur B. Rambo (1988, p. 56-74), havia na década de 1920 em torno de 71 sociedades de Tiro constituídas somente no Rio Grande do Sul. Municípios como Santa Cruz e Venâncio Aires concentravam, respectivamente, 21 e 16 unidades, distribuídas por seus distritos, sendo algumas destinadas às mulheres.

As sociedades de canto tiveram expressão similar. Constituídas grandemente a partir dos corais que animavam os cultos religiosos, estas sociedades já contavam, em 1896, com uma organização, denominada União dos Cantores, com sede em Montenegro, cujo objetivo era promover o canto alemão mediante encontros festivos. A concentração maior dessas sociedades se deu nos municípios de Taquara (12) e Venâncio Aires (12).

As canções expressavam sentimentos fortes que evocavam lembranças de tradições, de estilos de vida, de fantasias, de sonhos e lugares guardados na memória e configuraram um mosaico de identidades mais ou menos comum ao grupo étnico. Refletiam, de certo modo, sentimentos de perda e de desejo e uma leitura de mundo focada na imaginação e na ficção enquanto contraponto às limitações do cotidiano vivenciado no tempo e lugar. Conceitos-chave como *Heimat*, para cantar as belezas do lugar, da moradia, do aconchego do lar, ou do ambiente cultural, *Vaterland*, para simbolizar a pátria e, sobretudo, uma realidade étnica e cultural, *Mutterland* e *Muttersprache*, indicativos do ventre, da matriz cultural e da etnicidade, davam sentido poético aos versos e estrofes expressos em melodias (FABRI, 1883; RAMBO, 1994, p. 43-53; FLORES, 1983).

A canção aproximava os imigrantes e seus descendentes de interesses que expressavam sentimentos e o espírito comum de pertencimento a um conjunto de componentes de natureza étnico-cultural que lhes permitia identificar-se enquanto nação. O conceito de nacionalidade não é entendido aqui a partir da variável político-cidadã, mas a partir do sentido que Seyferth (1982, p. 45) lhe dá: “*uma comunidade*

de interesse e uma cultura comum, uma raça e uma língua comuns, referenciadas com a consciência nacional alemã”.

As comunidades estéticas, centradas, sobretudo, no entretenimento e na camaradagem, se materializaram em outras modalidades associativas, como: esgrima, bolão, tênis, cavalaria, teatro, leitura, clubes literários, juventude, entre outras. A literatura e a arte revestiam-se, enquanto poder simbólico (BOURDIEU, 1982), do sentido de trazer elementos estéticos da cultura alemã à realidade local, para torná-los valores e propriedade do cotidiano que penetra as referências do grupo étnico.

A dimensão lúdica era muito valorizada entre os legatários da cultura alemã. Pelo lúdico se revelam os valores interligados da cultura. A dimensão do lúdico era valorizada, sobretudo, porque representava, segundo o professor Jahn, um meio de buscar o equilíbrio entre o interior e o exterior do ser humano (TESCHE, 2002). Através dela a alma encontra expressão no corpo e se manifesta simbolicamente, estabelecendo um campo de comunicabilidade. As atividades físicas, os jogos e as expressões artísticas eram tidos como elementos fundamentais para o processo educativo e para a autoformação. A disciplina, como recurso metodológico, era concebida como instrumento indispensável para a formação do caráter.

Para Huizinga (1996, p. 57) a essência do lúdico está contida na frase: *“há uma coisa em jogo”*. Os jogos já representavam entre os helênicos o núcleo central da vida social. Embora não expressem objetivos vitais para o grupo social, os jogos assumem um caráter antitético, isto é de competição, numa manifestação de destreza, prestígio e respeito. *“Ganhar significa manifestar superioridade num determinado jogo”*, na expressão de Huizinga (1996, p. 57). Para o filósofo, a virtude e a honra, a nobreza e a glória encontram-se desde o início dentro do quadro de competição, isto é, do jogo. Trata-se de manifestar a destreza, o prestígio e o respeito. Nos jogos de bolão, além das disputas entre grupos locais ou regionais, buscava-se exaltar habilidades pessoais, para verificar a destreza e o maior somatório de pontos. As competições culminavam com bailes festivos de coroação do “rei do bolão”. Eram os tradicionais bailes do rei, habituais na colônia alemã, como eram festivos os bailes de Quermesse.

Além do caráter pedagógico, as atividades lúdicas representaram, também, uma forma de cultivar o prazer estético. A dança, a música e as artes plásticas estiveram presentes nos espaços de sociabilidade, de diferentes formas. Havia sociedades fechadas, que funcionavam como espaços privados, que só podiam ser freqüentados por associados. Em torno desses espaços reuniam-se, sobretudo, as elites dos núcleos coloniais mais dinâmicos. As sociedades Orpheu, os clubes de ginástica e de atiradores acolhiam, de modo geral, as pessoas com maior poder aquisitivo, uma vez que requeriam contribuições para a sua manutenção. Ramos

(2002, p. 95), ao estudar o cenário de São Leopoldo, de 1850 a 1930, percebeu pelas listas dos associados, que a Sociedade Orpheu, a Sociedade de Atiradores e o Clube de Bolão *Separat* eram espaços frequentados pela elite leopoldense.

NOTAS

¹ PHD em História; Docente associado do CCHS e dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, em Sociedade Cultural e Fronteira e em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Fronteira e Desenvolvimento Regional UNIOESTE/CNPq; Assessor da Área de Ciências Humanas, Sociais e Jurídicas da Fundação Araucária, Pesquisador do CNPq. E-mail: emeldo@uol.com.br

² Deutsches Volksblatt, Sankt Paulusblatt, Deutsche Zeitung, Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien...

3.3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMSTAD, Theodor. *Finnerungen aus meinem Leben*. Porto Alegre: Volksvereinsverlag, 1940.

AMSTAD, Theodor. *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul, 1824-1924*. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1924.

ARENDT, Hannah. *A vida do espírito*. V. II – Querer. Lisboa: Instituto Piaget, 1978.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: Potignat; Streiff-Fenart, 1998, p. 187-227. In: FOUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Flívio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BRITO, Alberto. O trabalho alemão no Rio Grande do Sul. In: SOVERAL, Antônio. *O patriótico governo do General Flores da Cunha s/loc., s/ed., 1935*.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. M. M. Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990; história história cultural

COARACY, Vivaldo. *A Colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Saraiva, 1957.

DIETSCHI, Johannes R. Gedanken bei einem Kirchweihfest in brasilianischen Urwald. *Der Tempo da Ciência* (17) 33 : 89-110 , P semestre 2010

Deutsche Ansiedler, maio de 1886.

DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur B.; TRAMONTINI, Marcos J. (org). *Imigração e imprensa* Porto Alegre: EST, 2004.

ELIAS, N.; SCOTSON, J L.; SÜSSEKIND, P; NEIBURG., E. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FABRI, Friedrich. *Bedarf Deutschland der Kolonien? (1879).* Eine politisch-ökonomische Betrachtung. Deutsche Geschichte in Dokumenten und Bildern. Band 4. Reichsgründung; Bismarcks Deutschland 1866-1890. Augsburg: Gotha, 1883;

FAUSTO, Boris. *Historiando Brasil.* 11 ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

FERREIRA, C.; PETRY, S V. (org). *Um alemão no trópico – Dr. Blumenau e a política colonizadora do Sul do Brasil.* Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999.

FLORES, Hilda A. *Canção dos imigrantes.* Porto Alegre: EST, 1983.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor.* 3 ed. Trad. De Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. São Paulo: Veja Passagens, 1997.

GERTZ, René E. *O perigo alemão.* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1991.

GERTZ, René E. *O fascismo no sul do Brasil.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GIDDENS, Antony. *Modernidade e identidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento.* Trad. Luiz S. Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

HUGHES, Fiona. Três dimensões espaciais na estética de Kant. In: CERON, I. P.; REIS, P. (or). *Kant – crítica e estética na modernidade.* São Paulo: SENAC, 1999.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura* 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo.* 5 ed. Trad. Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2007.

KANT, Emmanuel. *Crítica da faculdade do juízo.* Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1993.

KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã.* Porto Alegre: UGRS; Florianópolis: UFSC; Caxias do Sul: UCS, 1991.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia – O romantismo na contramão da modernidade.* Petrópolis: Vozes, 1995.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil.* Campinas: EdUNICAMP/FAPESP, 1998.

NIETZSCHE, F W. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.* 2 ed. Trad. De Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: UNESP, 2006.

PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Santa Terezinha, 19435.

PRIEN, Hans-Jürgen. *Evangelische Kirchwerdung in Brasilien: von den deutsch-evangelischen Einwanderergemeinden zur Evangelische Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien*. Gütersloh: Gütersloher Verl.-Haus Mohn, 1989.

RAMBO, Arthur B. *A escola comunitária teuto-brasileira*. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

RAMBO, Arthur B. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, C.; VSCONCELOS, N. *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

RAMBO, Arthur B. O associativismo teuto-brasileiro e os primórdios do cooperativismo no Brasil. *Perspectiva econômica* São Leopoldo, vol. 23, nº 62– 63, 1988, p. 3-272.

RAMOS, E. H. C. da Luz. O cenário Leopoldense entre 1850 e 1930. *Humanidades* Fortaleza, v. 17, nº 2, p. 90-97, ag./dez. 2002.

SCHALLENBERGER, Emildo. *Associativismo cristão e desenvolvimento comunitário*. PUCRS, Cascavel: EDUNIOESTE, 2009.

SCHMID, Albert. *Die 'Brummer'* - Eine deutsche Fremdenlegion in brasilianischen Diensten im Kriege gegen Rosas. Porto Alegre: A Nação (Separata), 1948.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

TÁCITO, Cornélio Publius. *Germânia*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora SA (eBooks), 2006.

TESCHE, Leomar. *A prática do Turner entre os imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul 1887-1942*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1996.

TESCHE, Leomar. *O Turner, a educação e a educação física nas escolas teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul (1852-1940)*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2002.

5.2 Periódicos

DEB - *Deutsches Evangelische Blätter für Brasilien*, São Leopoldo: Rotermond, edição mensal de 1919-1938.

Der Deutsche Ansiedler - Organ der Evangelischen Gesellschaft für die Protestantischen Deutschen in Amerika. Barmen, 1882-1907.

Deutsche Zeitung, Porto Alegre, 1862-1916.

Die Serra-Post. Ijuí: Livraria Serrana, edições a partir de 1922.

DV - *Deutsches Volksblatt*, São Leopoldo, 1871-1891; Porto Alegre, 1891-1940.

Kalender der Serra-Post. Ijuí: Löwe Becker, a partir de 1922.

Kolonie Zeitung, Joinville, 1862 em diante.

Mitteilungen aus der Deutschen Provinz, 1897-1934.

Nachrichtenblatt der Liga das Uniões Coloniais Riograndenses São Leopoldo: Rotermund, edição mensal de jun. 1931- ag. 1932; bimensal de set./out. 1932 - jul./ag. 1939.

Noticiário - órgão da Liga das Uniões Coloniais Riograndenses (versão vernácula do *Nachrichtenblatt*). São Leopoldo: Rotermund, mensal de jun. 1931- ag. 1932; bimensal de set./out. 1932 - jul./ag. 1939.

Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien São Leopoldo, 1888-1939.

SP- *Skt Paulusblatt*, Porto Alegre: Tipografia do Centro, a partir de 1912.

APMM - Arquivo Particular de Marionmilde Brepohl de Magalhães.